

## O Anel de Gyges

Luiz Maurício Menezes

PPGLM / Universidade Federal do Rio de Janeiro

O *Anel de Gyges* é um termo que remete principalmente a narrativa encontrada no Livro II da *República* de Platão, passagem 359b-360b. Tal narrativa faz parte do discurso de Gláucon, onde ele desafia Sócrates a provar que de qualquer maneira a justiça é melhor do que a injustiça. A narrativa do Anel de Gyges faz parte do desafio, onde ele assim o coloca<sup>1</sup>:

Demos ao justo e ao injusto o poder de fazer o que quiser e observemos onde o desejo leva cada um. Apanharemos o justo a caminhar para a mesma meta do injusto devido à ambição, que toda criatura está por natureza disposta a procurar alcançar como um bem, mas pela força da lei é forçada a honrar a igualdade. E o poder a que me refiro seria como o seguinte: terem a capacidade que se diz ter sido concedida ao antepassado do Lídio Gyges. Era ele um pastor que servia na casa do que era então soberano da Lídia. Devido a uma grande tempestade e tremor de terra, rasgou-se o solo e abriu-se uma fenda no local onde ele apascentava o rebanho. Admirado ao ver tal coisa, desceu por lá e contemplou, entre outras maravilhas que contam no mito, um cavalo de bronze, oco, com umas aberturas, espreitando através das quais viu lá dentro um cadáver, visivelmente maior do que um homem, e que não tinha mais nada senão um anel de ouro na mão. Arrancou-lho e subiu. Como os pastores se tivessem reunido, da maneira habitual, a fim de comunicarem ao rei, todos os meses, o que dizia respeito aos rebanhos, foi lá também, com o seu anel. Estando ele, pois, sentado no meio dos outros, deu por acaso uma volta ao engaste do anel para dentro da palma da mão e tornou-se invisível para os que estavam ao lado, os quais dialogavam sobre ele como

---

1 PLATÃO. *República*, 359b-360b. Utilizamos aqui a tradução de Maria Helena da Rocha Pereira *A República* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001). Demais referências à ‘República’ serão abreviadas por *Rep.* indicando-se em seguida a numeração. As modificações na tradução são nossas.

se tivesse ido embora. Admirado, passou de novo a mão pelo anel e virou para fora o engaste e, ao virá-lo, se tornou visível. Tendo observado estes fatos, experimentou, a ver se o anel tinha aquela capacidade, e verificou que, se tivesse seu engaste virado para dentro, se tornava invisível; se o voltasse para fora, ficava visível. Consciente disto, logo fez com que fosse um dos mensageiros do rei. Uma vez lá chegado, seduziu a mulher dele, e com o auxílio dela, atacou e matou o soberano, e assim tomou o poder.

A narrativa que aqui reproduzimos se refere a uma capacidade concedida ao antepassado do Lídio, que é posto nas diversas edições da *República*, utilizando-se colchetes ou não, como sendo Gyges. Tal capacidade permite ao seu possuidor ficar visível e invisível a sua própria vontade. No entanto há um problema filológico na passagem 359d que impede a direta identificação do usuário do anel. Alguns interpretam como o próprio Gyges, outros como sendo seu antepassado.

Para que melhor possamos esclarecer estas questões, precisamos atentar para a dificuldade desta passagem, onde podemos ler τῷ Γύγου τοῦ Λυδοῦ προγόνῳ<sup>2</sup> (ao antepassado do Lídio Gyges). Os estudiosos se dividem basicamente em dois grupos quando nos referimos a tal passagem estudada. O primeiro grupo se refere ao comentário de Adam à *República*<sup>3</sup>, onde este defende que o antepassado vem a ser do Lídio Gyges. Já o segundo grupo defende como sendo Gyges o antepassado do Lídio. Para melhor entender a dificuldade é preciso atentar que o anel é novamente referido na passagem 612b no Livro X da *República*, onde aparece no texto Γύγου δακτύλιον (anel de Gyges)<sup>4</sup>. Ou seja, numa passagem temos o usuário do anel como sendo o antepassado de Gyges e na outra passagem temos o usuário do anel como sendo o próprio Gyges.

---

2 Utilizamos aqui o texto grego da *República* estabelecido por S. R. Slings, *Platonis Rempublicam* (Oxford: Oxford University Press, 2003). Como nosso trabalho pretende fazer uma comparação da passagem indicada entre demais edições da *República*, não nos limitaremos ao texto aqui indicado. Slings utiliza o sinal † entre o começo e o fim da passagem para indicar uma possível corrupção do original grego, o que nos leva a uma dificuldade para relacionar a quem estaria Platão, de fato, falando.

3 Cf. ADAM, James. *The Republic of Plato*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 126-7, apêndice I do livro II.

4 Isso criou entre os editores da *República* de fazerem emendas na passagem do tipo Γύγη τῷ τοῦ Λυδοῦ προγόνῳ, para tentarem ligar Gyges diretamente ao anel.

Segundo Smith<sup>5</sup>, o provérbio Γύγου δακτύλιος, que pode ser encontrado no *Suidae Lexicon Graece e Latine* como tendo por significado ἐπὶ τῶν πολυμηχάνων καὶ πανούργων, teria sido usado apenas pelos autores mais tardios, não havendo nenhum provérbio antes de Platão. Dessa forma, todas as ocorrências do termo “Anel de Gyges” nos textos gregos são posteriores a Platão<sup>6</sup>.

A primeira fonte que temos a respeito de Gyges é de Arquíloco de Paros, que assim nos fala sobre ele: “Não me preocupam as coisas de Gyges, rico em ouro, nem ainda me persegue a cobiça, nem invejo. As obras dos deuses, ou amor pela grande tirania; isto longe está dos meus olhos.”<sup>7</sup>

Arquíloco que viveu entre 680-640 a.C.<sup>8</sup> foi contemporâneo de Gyges, que teria reinado entre 682-644 a.C.<sup>9</sup> Tal fragmento além de ser o primeiro a tratar de Gyges, parece também ter sido o primeiro a utilizar no grego o termo “tirania”. Segundo Ure, a palavra tirania não é grega, mas pode ser de origem lídia<sup>10</sup>. Para

5 SMITH, K.F. The Tale of Gyges and the King of Lydia. *AJPh*. v. 23, n. 4, 1902, p. 374-377.

6 Para a posterior tradição que seguiu a história de Platão do anel de Gyges, sem pretensão de exaurir a questão, colocamos aqui todas as fontes que encontramos a partir de nossas pesquisas: Luciano. *Bis accusatus sive tribunalia*, 21; Id. *Navigium*, 42; Socraticorum Epistulae. *Ep.*, 14.2; Joannes Stobaeus. *Anthologium*, III.9.63; Libanius. *Epistulae*, 432.5; Id. *Orationes*, 56.10; *Ibid.*, 64.35; Gregorius Nazianzenus. *Contra Julianum imperatorem* (orat. 4), 35.628; Id. *Funebris oratio in laudem Basilii Magni Caesareae in Cappadocia episcopo* (orat. 43), 21.3; Id. *Carmina moralia*, 683; Id. *Carmina de se ipso*, 1435; Philostratus. *Vita Apollonii*, 3.8; Id. *Heroicus*, 669; Anônimo. In *Aristotelis artem rhetoricam commentarium*, (CAG, 21.2) 256.6; Theon. *Rhet. Graeci*, I.159; Tzetzes. *Chiliades*, I.137-66; *Ibid.*, VII.195-202; Nonnus. *Invect.*, 1.55; Anônimo. *Violarium da Eudocia*, 247; *Suidae Lexicon*, letra gamma Γύγου δακτύλιος, letra sigma Σφενδόνη Γύγου; *Anthologiae Graecae*, Appendix, Epigrammata demonstrativa 253; Os próximos serão citados a partir do *Paroemiographi Graeci* editado por Leutsch & Schneidewin, volume I: Diogenianus, 3.99; Gregorius Cyprius, 2.5; volume II: Diogenianus, 2.20; Greg. Cyp., 2.58; Apostolius, 5.71; Macarius, 3.9.

7 Fr. 19W. A tradução é nossa.

8 Para a data aproximada de Arquíloco nos baseamos em JACOBY, F. The Date of Archilochos. *The Classical Quarterly*, v. 35, n.3, p. 97-109, jul.-oct. 1941.

9 A data comumente aceita pelos estudiosos é de 687-652 a.C., principalmente depois dos estudos de GELZER, H. Das Zeitalter des Gyges. *RhM*, v. 30, p. 230-268, 1875. No entanto, concordamos com os estudos de SPALINGER, Anthony J. The Date of the Death of Gyges and its Historical Implications. *JAOS*, v. 98, n. 4, p. 400-409, oct.-dec., 1978. Spalinger em seu texto aponta para o fato de que a morte de Gyges só é apontada no Prisma A dos anais de Assurbanipal. Tal Prisma data de 643/2 a.C., o que faz Spalinger calcular a morte de Gyges por volta de 644 a.C. Para calcular a data inicial do reinado de Gyges, nos baseamos na duração dita por Heródoto do reinado de Gyges, trinta e oito anos.

10 URE, P. N. *The Origen of Tyranny*. Cambridge: Cambridge University Press, 1922, p. 134.

Adrados, a palavra designa o poder absoluto dos monarcas orientais<sup>11</sup>. De acordo Euphorion (séc. III a.C.), Gyges foi o primeiro a ser chamado de tirano<sup>12</sup>. Tal declaração pode ser apenas uma inferência de Hippias de Élis, que disse não ter Homero usado a palavra τύραννος, mas seu uso somente aparece com Arquíloco (*FHG*, II, fr.7, p.62).

O fr. 19W indica o poder de Gyges, entre riqueza e posses, que faz dele o senhor da Lídia e tirano da Ásia. Apesar de o poema estar na primeira pessoa, sabemos que Arquíloco não se coloca como falante, mas atribui o dito ao personagem Kháron, conforme nos informa Aristóteles: “e Kháron, o carpinteiro, em iambo, assim começa: Não a mim as coisas de Gyges”.<sup>13</sup>

O uso de uma personagem para dizer algo sobre outro é um método original da crítica de Arquíloco. Segundo West argumenta, há um particular tipo de poesia que os antigos chamam de iambo para usar personagens imaginários e situações<sup>14</sup>.

Outros poetas líricos anteriores a Heródoto comprovam a historicidade de Gyges sendo estes Alcman (*fl.* 652 a.C.), Mimnermo (*fl.* 632 a.C.) e Hipponax (*fl.* 540 a.C.). O testemunho de Alcman nos é dado por Alexandre da Aetolia que assim diz:

Antiga Sardis, casa de meus pais, se tivesse sido lá criado, seria um sacerdote eunuco, vestindo ornamentos de ouro, tocando belos tambores; mas me chamo Alcman, e sou de Esparta de muitos trípodas, e aprendi as Musas Heliconidas, que me colocaram acima dos tiranos Candaules e Gyges.<sup>15</sup>

---

11 ADRADOS, F. R. *Líricos Griegos: Elegiacos y Yambógrafos Arcaicos*, v.1. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1999, nota 2, p. 54. Abreviaremos por *LG*.

12 MÜLLER, C. *Fragmenta Historicum Graecorum*, vol. III. Paris: Editore Ambrosio Firmin Didot, 1849, fr. 1, p. 72. Demais citações de Müller serão abreviadas por *FHG*, indicando-se em seguida volume, fragmento ou/e página.

13 ARISTÓTELES. *Arte Retórica*, 1418b30-31. Utilizamos para o grego a edição de W. D. Ross, *Aristotelis Ars Rhetorica* (Oxford: Clarendon Press, 1959). A tradução é nossa.

14 WEST, Martin. *Studies in Greek Elegy and Iambus*. (Untersuchungen zur antiken Literatur und Geschichte, Band 14) Berlin and New York: Walter de Gruyter, 1974, p. 22-39.

15 *Greek Anthology*, VII.709.1-6. A tradução é nossa.

É interessante notarmos que Mimnermo compôs versos elegíacos da batalha entre a *pólis* de Esmirna contra Gyges e os Lídios<sup>16</sup>, e parece ter escrito uma *Esmirneida*, mas desta só nos restaram pouquíssimos fragmentos:

e nos estabelecemos na charmosa Colofon com um grade exército, empreendendo os primeiros caminhos da cruel guerra; desde então, afastamo-nos de seu rio, que corre entre os bosques, tomamos Esmirna, a cidade Eólia, por designo dos deuses.<sup>17</sup> Assim eles partiram do lado do rei<sup>18</sup>, uma vez que escutaram suas palavras, cobrindo-se com seus côncavos escudos.<sup>19</sup> Não falaram assim de seu valor e seu nobre ardor os mais velhos, que eu, que vieram semeando a desordem nos firmes esquadrões da cavalaria lídia nas planícies do Hermo, empunhando a lança; jamais Palas Atena tinha censura para o heroísmo de seu coração quando na batalha sangrenta se lançava adiante na vanguarda, desafiando os agudos dardos do inimigo. Pois nenhum dos contrários era melhor para cumprir a obra da batalha quando ainda vivesse sobre os raios do rápido sol.<sup>20</sup> Trazendo homens da Peônia<sup>21</sup>, onde há uma famosa raça de cavalos.<sup>22</sup>

Os fragmentos de Hipponax de Éfeso ilustram o ambiente das cidades gregas da Ásia Menor no séc. VI a.C.<sup>23</sup> Em um de seus fragmentos ele indica o túmulo de Gyges:

Recorre, oh bandido, todo o caminho que leva à Esmirna; marcha através da Lídia passando junto da tumba de Atales, o sepulcro de

---

16 Cf. fr. 13W.

17 Fr. 12A. Utilizamos aqui os fragmentos da *Esmirneida* reunidos por Adrados, pois consideramos que, nesse caso, sua edição dos fragmentos encontra-se mais completa. A nossa tradução é baseada na de Adrados.

18 Segundo Adrados, *LG*, v. 1, nota 3, p. 223; o rei aqui é, provavelmente, Gyges.

19 Fr. 12(a)A. A nossa tradução é baseada na de Adrados.

20 Fr. 13A. A nossa tradução é baseada na de Adrados.

21 Segundo Adrados, *LG*, v 1, nota 2, p. 224; “Os peônios eram um povo da Macedônia; seguramente acompanharam os treres e os cimérios em suas andanças pela Ásia no séc. VII a.C. Se estes versos pertencem à *Esmirneida*, não sabemos em que contexto entraria: se falaria da derrota e morte de Gyges pelos Cimérios?”.

22 Fr. 14A. A nossa tradução é baseada na de Adrados.

23 *LG*, v.2, p. 13.

Gyges, a estela de Megastris e o monumento funerário de Átis, o rei da Atálida, movendo teu ventre para o sol poente.<sup>24</sup>

Também podemos encontrar um poema referente a Anacreonte que muito se parece com o que Arquíloco escreveu a respeito de Gyges: “Não me preocupa as coisas de Gyges, Senhor de Sardis, nem me persegue a cobiça, nem invejo aos tiranos.”<sup>25</sup>

No *Greek Anthology*, encontramos um poema semelhante atribuído Anacreonte, mudando em sua estrutura as linhas 3 e 4, apesar de manter dentro do fragmento a coerência quanto a riqueza e à tirania: “Não me preocupa as coisas de Gyges, Senhor de Sardis, nem me captura o ouro, nem louvo os tiranos.”<sup>26</sup>

Ressaltamos que o que aqui se diz de Anacreonte foi produzido posteriormente à morte do poeta no período helenístico e atribuído ao poeta de forma pseudepigráfica. Esse material se encontra reunido na obra conhecida como *Anacreontea*. De qualquer maneira, estes, assim como os demais fragmentos dos outros poetas, demonstram a repercussão do lídio Gyges entre os gregos.

Heródoto nos conta a história de Gyges da seguinte maneira<sup>27</sup>: Candaules, o soberano da Lídia, oferece a Gyges, seu guarda pessoal, a permissão para que este veja sua mulher nua e, assim, possa comprovar que ela é a mais bela. Pois, segundo diz Candaules, “os homens confiam menos em seus ouvidos do que em seus olhos”<sup>28</sup>. Mesmo dizendo-se persuadido pelas palavras de Candaules, de que sua mulher é a mais bela, Gyges é obrigado a ver para comprovar tal fato. Escondido atrás da porta do quarto, Gyges vê a rainha nua e quando se preparava para se retirar, acabou sendo visto por ela sem que ele assim percebesse. Entendendo o ocorrido e

24 Fr. 42W. A nossa tradução é baseada na de Adrados, fr. 42A.

25 Fr. 8W. Utilizamos para este a edição de Martin West, *Anacreonte*. A tradução é nossa.

26 *Greek Anthology*, XI.47.1-4. A tradução é nossa.

27 HERODOTO. *Histórias*, I.8-15. Demais citações a Heródoto serão abreviadas por Hdt., indicando em seguida livro e parte. Utilizamos para o grego o texto estabelecido por Carolus Hude, *Herodoti Historiae*, Tomes I e II, (Oxford: Oxford University Press, 1927).

28 Hdt. I.8.2.

percebendo que se tratava de obra de Candaules, a rainha nada fala e aguarda. No dia seguinte, a rainha chama Gyges em sua presença e apresenta a este dois caminhos: ou mata o soberano ou morre<sup>29</sup>. Este para evitar a morte escolhe matar o soberano e assim toma para si a mulher e a soberania.

O Anel de Gyges, encontrado na passagem indicada da *República*, parece apontar para o grande desafio existente dentro do campo ético-político. Irwin nos chama atenção para o problema que Gláucon coloca logo no começo do Livro II onde ele diz querer ver demonstrado que *de qualquer maneira* [παντὶ τρόπῳ] é melhor ser justo do que injusto<sup>30</sup>. Se tomarmos isto como parte do desafio de Gláucon imposto a Sócrates, teremos que admitir que até mesmo em situações contrafactuais onde a injustiça parece ser extremamente vantajosa, como o exemplo da narrativa do Anel Gyges, a justiça deve ser escolhida por ser superior a injustiça.

## Referências

### 1. Edições e traduções da *República*

ADAM, James. *The Republic of Plato*. Edição de J. Adam. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. 2v.

AST, F. *Platonis quae exstant Opera*. Tomus IV, Politiae Lib. I-VIII. Lipsiae: Libraria Weidmannia, 1822.

BURNET, J. *Platonis Opera*, recognovit brevique adnotatione critica instruxit: Ioannes Burnet, Tomvs IV. Oxford: Oxford University Press, 1902.

JOWETT, B.; CAMPBELL, L. *Plato's Republic. The Greek Text*, v. III: Notes. Oxford: The Clarendon Press, 1894.

PEREIRA, M. H. R. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

---

29 Hdt. I,11.2-3.

30 IRWIN, T. H. Republic 2: Questions about Justice. In: FINE, Gail. *Plato2*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 174-175. A passagem da *República* é a 357b1.

SCHNEIDER, C. E. C. *Platonis Opera Graece.*, v. I. Lipsiae, 1830.

SLINGS, S. R. *Platonis Rempublicam*, recognovit brevique adnotatione critica instruxit: S. R. Slings. Oxford: Oxford University Press, 2003.

STALLBAUM, G. *Platonis Dialogos Selectos*, v. III.1. *Politiae I-V*. Gothae et Erfordiae, 1829.

## **2. Edições e traduções da lírica grega**

ADRADOS, F. R. *Líricos Griegos: Elegiacos y Yambógrafos Arcaicos*. Texto traduzido por F. R. Adrados. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990. 2v.

BERGK, T. *Poetae Lyrici*, v.2. Poetas elegiacos et Iambographos Continens. Lipsiae: Aedibus B. G. Teubneri, 1882. (4 ed.)

GERBER, D. E. *Greek Iambic Poetry*. Edited and translated by D. E. Gerber. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *Greek Elegiac Poetry*. Edited and translated by D. E. Gerber. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1999.

WEST, M.L. *Iambi et Elegi Graeci. Ante Alexandrum Cantati*. (Editio Altera). Edidit M. L. West. Oxford: Oxford University Press, 1971.

\_\_\_\_\_. *Carmina Anacreontea*. Edidit M. L. West. Stutgardiae; Lipsiae: Teubner, 1993 (1984).

## **3. Edições e Traduções de clássicos gregos**

CAMPBELL, D. A. *Greek Lyric*. with English translated by D. A. Campbell. Cambridge, Mass. : Harvard University Press ; London : W. Heinemann, 1982-1993. 5v.

FERREIRA, J. R.; SILVA, M. F. , livro 1. Tradução e Notas de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva. Lisboa: Edições 70, 2002.

FRAZER, Sir James George. *Pausanias's Description of Greece: Commentary on Books II-V: Corinth, Laconia, Messenia, Elis*. London: Macmillan and co., limited, 1913.

HUDE, C. *Herodoti Historiae*, Tomvs I. recognovit brevique adnotatione critica instrvxit: Carolvs Hude. Oxford: Oford University Press, 1927.

JONES, H. L. *Strabo Geography*. Books 13-14. Edição de H. L. Jones. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1924.

KROLL, G. *Procli Diadochi in Platonis Rem Publicam Comentarii*, v. II. Edidit G. Kroll. Lipsiae: Aedibvs B. G. Tevbneri, 1901.

LEUTSCH, E. L.; SCHNEIDEWIN, F. G. *Paroemiographi Graeci*. Edição de Leutsch & Schneidewin, 2.v, Gottingae: Sumptus Fecit Libraria Dieterichiana, 1939-51.

MÜLLER, C. *Fragmenta Historicum Graecorum*, vol. III. Paris: Editore Ambrosio Firmin Didot, 1849.

PATON, W. R. *The Greek Anthology*, v. 2 e 4. Whith English translated by W. R. Paton. London: William Heinemann; New York: G.P. Putnam's Sons, 1918-9.

ROSS, W. D. *Aristotelis Ars Rhetorica*. Edição de W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1959.

STEIN, H. *Herodotos*. vol. I. Berlim: Weidmannsche Buchhandlung, 1883.

STURTZ, F. G. *Etymologicum Graecae Lynguae Gudianum*. Qvas digessit et vna cum suis edidit F. G. Stvrtzivs. Lipsiae, 1818.

*Suidae Lexicon Graeci et Latine*. Typis Academicis, 1705. (3v.)

SYLBURG, F. *Etymologicon Magnum*. Opera Friderici Sylbvirgii veterani. Lipsiae, 1816.

#### **4. Estudos**

AUGUSTO, Maria das Graças de Moraes. O Visível e o Invisível nos Argumentos do Livro 2 da República. *Textos de Cultura Clássica*, n. 19, p. 19-42, 1996.

BURNET, John. Platônica II. *The Classical Review*. v. 19, n. 2, p.100, 1905.

DANZIG, G. Rhetoric and the Ring: Herodotus and Plato on the Story of Gyges as a Politically Expedient Tale. *G&R*, v. 55, n. 2, p. 169-192, 2008.

FAUTH, W. Zum Motivbestand der Platonischen Gygeslegende. *RhM*, v.113, p. 1-42, 1970.

- FRUTIGER, P. *Les Mythes de Platon*. Reprint of 1930 ed. New York: Arno Press, 1976.
- GELZER, H. Das Zeitalter des Gyges. *RhM*, v. 30, p. 230-268, 1875.
- GERBER, D. E. (ed.) *A Companion to the Greek Lyric Poets*. Leiden; New York; Köln: Brill, 1997.
- HANFMANN, G. M. A. Lydiaka. *HSPh.*, v. 63, p. 65-88, 1948.
- IRWIN, T. H. Republic 2: Questions about Justice. In: FINE, Gail. *Plato2*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 164-185.
- JACOBY, F. The Date of Archilochos. *CQ*, v. 35, n.3, p. 97-109, jul.-oct. 1941.
- JAEGER, W. *Paidéia*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JONES, William. *Finger-Ring Lore*. London: Chatto and Windus, Piccadilly, 1877.
- KIRWAN, C. Glaucon's Challenge. *Phronesis*, v. 10, n. 2, p. 162-173, 1965.
- LAIRD, A. Ringing the Changes on Gyges: Philosophy and the Formation of Fiction in Plato's Republic. *JHS*, v. 121, p. 12-29, 2001.
- MACKAY, L. A. The Earthquake-Horse. *CPh.*, v. 41, n. 3, p. 150-154, 1946.
- PEDLEY, J. G. *Ancient Literary Sources on Sardis*. Harvard University Press, 1972.
- SCHALCHER, Maria da Graça F. F. O Anel de Giges: Um Quiasma Platônico. *Revista Filosófica Brasileira*, v. 4, n. 3, p. 105-109, 1988.
- SCHUHL, P. M. *Études sur la Fabulation Platonicienne*. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.
- SLINGS, S. R. Critical Notes on Plato's Politeia II. *Mnemosyne*, v. 17, fasc. 3-4, p. 381-383, 1989.
- SMITH, K. F. The Tale of Gyges and the King of Lydia. *AJPh*, v. 23, n. 3, p. 261-282, 1902.
- \_\_\_\_\_. The Tale of Gyges and the King of Lydia. *AJPh*, v. 23, n. 4, p. 361-387, 1902.
- SNELL, B. *A Descoberta do Espírito*. Lisboa; Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.
- SPALINGER, Anthony J. The Date of the Death of Gyges and its Historical Implications. *JAOS*, v. 98, n. 4, p. 400-409, oct.-dec., 1978.

URE, P. N. *The Origin of Tyranny*. Cambridge: Cambridge University Press, 1922.

WEST, M. L. *Greek Lyric Poetry*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *Studies in Greek Elegy and Iambus*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.: 1974.